

Habilidades Socioemocionais na Infância:



Um Diálogo entre Família e Escola

Espaço Movere





@espaco_movere

Habilidades Socioemocionais na Infância: Um Diálogo entre Família e Escola

Elisângela Aparecida de Souza

Salvador - Bahia

Ano - 2020

Informações sobre a Autora

Elisângela Aparecida de Souza é natural da cidade de São Paulo. Atualmente, reside na cidade de Salvador - Bahia, com experiência profissional de aproximadamente trinta anos, atuando nas áreas da Educação, Saúde Mental e Organizacional.

Graduada em Letras Vernáculas com Inglês e Psicologia. Especialista em Educação Especial e Inclusiva, Educação à Distância e Novas Tecnologias e Neuropsicologia Clínica.

Atualmente exerce suas práticas profissionais como:

- ✓ Professora da Língua Inglesa, do Ensino Médio, da Rede Pública de Ensino do Estado da Bahia.
- ✓ Professora Universitária do Curso de Psicologia, de Instituição Privada, através dos componentes curriculares: Neuroanatomia e Fisiologia do Sistema Nervoso, Processos Psicológicos Básicos, Psicologia do Desenvolvimento, Psicologia da Educação, Psicologia Organizacional e Metodologia Científica.
- ✓ Neuropsicóloga Clínica e Psicoterapeuta no Espaço Movere.
- ✓ Facilitadora de Grupos e Palestrante Motivacional, com atuação nas seguintes áreas: Saúde Mental, Educação, Indústria e Comércio, através do Espaço Movere, em todo o território nacional.
- ✓ CEO do Espaço Movere.

E-mail: contato@espacocomovere.com

Mensagem às Famílias e às Comunidades Escolares

“A arte de educar não deve ser exercida sob uma perspectiva de monitoramento, mas de mediação. A troca de experiências tem o propósito de permitir o desenvolvimento do processo de interação, entre os escolares, com a prática educacional em si, e não institucionalizada por si só. O ato de apreender para aprender precisa ‘ter’ e ‘fazer’ sentido: o conhecimento só terá razão de existir, se houver um movimento para torná-lo real e funcional em nossas vidas.”

Elisângela Aparecida de Souza

Sumário

Apresentação	06
1. O que é Cognição?	09
1.1. Inibição Cognitiva	10
1.2. Inibição ou Controle Inibitório	11
2. Desenvolvimento Humano sob as Perspectivas Cognitiva e Sociointeracionista	14
2.1. Teoria do Desenvolvimento Cognitivo de Piaget	15
2.2. Teoria Sociointeracionista de Vigotski	16
3. Desenvolvimento das Habilidades Socioemocionais	19
3.1. O que são habilidades socioemocionais?	19
3.2. Inteligência Emocional	20
3.2.1. Os Pilares da Inteligência Emocional	22
3.3. Habilidades Socioemocionais para a Formação de Jovens Reflexivos	24
4. A Família no Processo de Formação das Habilidades Socioemocionais das Crianças	26
4.1. Habilidades Essenciais para a Vida	28
5. A Escola no Processo de Formação das Habilidades Socioemocionais das Crianças	31
5.1. Habilidades Socioemocionais na Educação	33
6. Considerações Finais	35
Referências	39

Apresentação

O ser humano possui um sistema cognitivo surpreendente, capaz de receber estímulos logo em seus primeiros instantes de vida. Esses estímulos caracterizam processos sofisticados e essenciais, impulsionando assim, o desenvolvimento e a formação da sua inteligência.

Sabemos da importância desses aspectos cognitivos serem estimulados e desenvolvidos, inicialmente, no ambiente familiar, tais como: linguagem, pensamento, raciocínio, capacidade de abstração e de resolução de problemas, dentre outros. Desde o nascimento, o bebê começa a aprender, sendo que essa prática só é finalizada ao final da vida.

A participação ativa da família constitui-se num primeiro passo para o preparo de um caminho a ser trilhado pela criança, no momento em que ela começa a frequentar o ambiente escolar. Chegando à escola, já com alguns aspectos de referência em construção, muitas possibilidades tornam-se facilitadoras, para a efetividade das suas habilidades socioemocionais, junto à comunidade escolar.

Esta publicação traz como proposta a construção de um diálogo entre família e escola, no que diz respeito às suas respectivas importâncias para o processo de estimulação, construção e desenvolvimento das habilidades socioemocionais nos escolares.

Serão pontuados aspectos teóricos estruturantes para a abordagem desta temática, perpassando por leituras que vão desde o conceito de cognição à importância do desenvolvimento humano, diante das perspectivas interacionistas de Piaget e Vigotski. Serão contempladas ainda, informações relevantes sobre a Teoria da Inteligência Emocional, defendida por Goleman.

A importância dos aspectos cognitivos, bem como, de correntes teóricas que fundamentem a sua importância para o desenvolvimento das habilidades socioemocionais das crianças, servirão de suporte de comunicação e interação com o universo delas, tanto para as famílias quanto para os educadores.

Portanto, a necessidade em desenvolver habilidades mais complexas da inteligência, tais como: pensar antes de agir e reagir, colocar-se no lugar do outro, ser capaz de superar perdas e frustrações e interpretar comportamentos e sentimentos (os próprios e os dos outros) são papéis conjuntos da família e dos educadores, em fases específicas da vida das crianças.

A parceria entre família e escola deve resultar num melhor aproveitamento e desenvolvimento do intelecto infantil. Ao agir de forma contrária, ignorar ou negligenciar a participação na aprendizagem da criança, a família pode deixar lacunas, que ninguém ou qualquer instituição poderá preencher. É seu papel dar suporte emocional, moral e ético aos seus filhos, na fase inicial e ao longo do seu processo de desenvolvimento.

A partir deste estudo, buscamos esclarecer alguns aspectos relevantes, de modo que essa parceria possa trazer benefícios estruturantes na formação das crianças, através de uma sociedade que tanto valoriza “*o ser capaz de empreender, diante do desempenho e autocontrole das suas habilidades socioemocionais*”.

Capítulo 01

O que é Cognição?

A Psicologia Cognitiva estuda a forma que o processamento das informações influencia o comportamento, bem como, a relação que têm os



diferentes processos mentais para a aquisição do conhecimento. O termo cognição consiste na habilidade para processar informações através da percepção. Refere-se à interpretação interna das informações que estão armazenadas no cérebro, permitindo captar e ter uma ideia sobre algo, como por exemplo, saber quais são suas qualidades (características) e sua natureza (origem).

Cognição pode ser conceituada, ainda, sob a perspectiva de como o cérebro percebe, aprende, recorda e pensa sobre toda informação captada através dos cinco sentidos: audição, visão, olfato, gustação e paladar. É um processo da aquisição do conhecimento, que ocorre através de processos psicológicos, a saber: percepção, atenção, associação, memória, raciocínio, juízo, imaginação, pensamento, linguagem, dentre outros.

Para Sternberg (2015), trata-se de um conjunto de processos mentais direcionados a acontecerem através do pensamento, da

classificação, do reconhecimento e da compreensão, para que se dê então, o julgamento através do raciocínio, com foco no aprendizado de determinados sistemas e resoluções de problemas.

A cognição está para além de uma mera aquisição de conhecimento e, consequentemente, uma breve referência de melhor adaptação ao meio - apresenta-se como um mecanismo de conversão do que é captado de um ambiente externo para o “modo de ser interno”, de cada um de nós.

Consiste num processo pelo qual o ser humano interage com os seus semelhantes e com o meio em que vive, sem perder a sua identidade existencial. Começa com a captação dos estímulos e, logo em seguida, ocorre à percepção: é o conhecimento que tem como material a informação do meio em que se vive e o que já está registrado e armazenado na memória.

A cognição, portanto, acontece quando são feitas associações com base em um fato, uma observação ou uma situação. Sem essas qualidades, os seres humanos seriam incapazes de ter contato com um ambiente externo e, não poderiam imaginar, muito menos, fazer uso de todo o processo criativo que lhes conferem. Para isso, é de fundamental importância saber a diferença entre inibição cognitiva e controle inibitório, de modo a trabalhar com orientações adequadas às necessidades de cada indivíduo, de forma contextualizada.

1.1. Inibição Cognitiva

Corresponde a um processo de diminuição da atuação de aspectos da cognição, funcionando como elemento que “sintomatiza” a sua

transformação. Sob essa ótica, ela é a diminuição dos processos cognitivos, os quais a adaptação mobiliza, o que é expresso na forma de sintoma, entendido como: dificuldade de aprendizagem (COLL *et al*, 2004).

O sintoma implica colocar em outro lado, jogar fora, atuar o que não se pode simbolizar. A simbolização permite ressignificar e a ressignificação possibilita que a modalidade possa ir se modificando, proporcionando assim, uma sobreposição de informações no processo de aprendizagem.

Quando não se consegue estabelecer este processo de ressignificação *interna* à própria modalidade de aprendizagem, esta modalidade fica enrijecida, impedindo ou dificultando a aprendizagem de determinados aspectos da realidade (FERNANDEZ, 1991).

A Inibição Cognitiva de fundo emocional, ou de ordem das relações, tem a afetividade como variante no processo de aprendizagem. Para Griz (2004), compreender a importância de analisar a influência dos aspectos afetivos do sujeito é o que interfere na constituição dos esquemas cognitivos, causando dificuldade de aprendizagem ou inibição cognitiva.

1.2. Controle Inibitório

O termo controle inibitório, consiste numa habilidade de controle ou inibição para respostas automáticas (impulsivas), criando réplicas, fazendo uso da atenção e do raciocínio.

Trata-se de uma das nossas funções executivas, que contribui para a antecipação, o planejamento e a definição de objetivos. Há uma obstrução das condutas, que por sua vez, detém reações automáticas inadequadas, passando de uma resposta para outra mais adequada, de acordo com a demanda de cada contexto (STERNBERG, 2015).

Segundo Fonseca (2008), o controle inibitório é necessário para a alteração e controle da impulsividade e suas interferências, na memória operacional, nas emoções, dentre outros. Para ele, uma inibição deficitária pode ocorrer em três níveis:

- Nível motor: falta de controle do comportamento motor. Exemplo, hiperatividade;
- Nível de atenção: distrações e dificuldades de concentração. Exemplo, uma pessoa lendo um livro que se distrai com um ruído externo;
- Nível de comportamento: atitudes impulsivas que não podem ser inibidas. Exemplo, acionar a buzina, em meio ao trânsito, quando estamos irritados com o motorista que está à nossa frente.

As estruturas cerebrais do lobo frontal são as últimas a madurar, durante o desenvolvimento cognitivo de uma pessoa. Por isso, é comum ver crianças menores com dificuldade para o controle do comportamento, bem como, de lidarem com mudanças ou acontecimentos inesperados (GAZZANIGA *et al*, 2006).

Elas tendem a apresentar dificuldade para inibir situações, após as terem iniciado. É importante ressaltar que, se não há situações específicas para impedir a inibição em seu desenvolvimento natural, ela aumentará e evoluirá à medida que envelheçemos.

O controle inibitório, portanto, é uma das funções cognitivas mais usadas: é a forma que nosso cérebro corrige um comportamento. Ele permite a reação diante de situações imprevistas ou perigosas, de forma rápida e segura.

Um controle inibitório bem desenvolvido pode nortear o processo de formação e execução do comportamento, permitindo também, um melhor desempenho pessoal, acadêmico, profissional, na vida social, dentre outros.

Capítulo 02

Desenvolvimento Humano sob as Perspectivas Cognitiva e Sociointeracionista

A Psicologia do Desenvolvimento Humano estuda a interação dos processos físicos e psicológicos, bem como, as etapas de crescimento, desde a concepção até o final da vida de uma pessoa.



Elá realiza esses estudos a partir da observação, descrição e explicação das principais mudanças vividas pelos indivíduos, durante seu processo de desenvolvimento, ao longo do seu processo de vida (PAPALIA, 2000).

As diversas teorias do desenvolvimento buscaram demonstrar, diante de suas diferentes perspectivas, os processos do desenvolvimento humano e as suas possíveis variações, de acordo com a interferência de aspectos emocionais, sociais e culturais. De acordo com Papalia (2000), o desenvolvimento humano acontece na inter-relação entre os âmbitos:

- Físico-motor - maturação neurofisiológica;
- Cognitivo - raciocínio, abstração;
- Afetivo - modo como integra suas vivências;

- Social - relação com as pessoas e a cultura.

No decorrer da história, os modelos teóricos sobre desenvolvimento humano enfatizaram alguns desses aspectos, dentre eles, os interacionistas. As teorias interacionistas apontam que a construção do conhecimento acontece a partir das relações do sujeito com o meio e de suas ações sobre o mundo. As abordagens teóricas, tanto de Piaget como de Vigotski, são consideradas interacionistas.

2.1. Teoria do Desenvolvimento Cognitivo de Piaget

De acordo com a Teoria de Piaget, o crescimento cognitivo da criança ocorre através dos processos de *assimilação* e *acomodação*. No processo de assimilação o indivíduo constrói esquemas de assimilação mentais para abordar a realidade, sendo que, através destes, são realizadas acomodações. Estas, por sua vez, consistem no processo que permite nossa adaptação ao meio e a interiorização dos objetos desse ambiente. Estes dois processos levam à construção e à concretização de novos esquemas, proporcionando que ocorra o desenvolvimento cognitivo (DE LA TAILLE *et al*, 1992).

Segundo Piaget (1986), a inteligência é uma adaptação, por isso, para apreender as suas relações com a vida, em geral, se faz necessário definir quais relações existem entre o organismo e o ambiente.

Isto significa que para entendermos a evolução da inteligência é indispensável conhecer as relações que o sujeito estabelece com o meio e como este meio exerce influência nesse processo, ou seja: a forma com que a criança utiliza os objetos externos para apreender e aprender sobre eles, através de ações coordenadas.

Para Becker (2010), a inteligência torna-se mais ativa de acordo com o seu amadurecimento, assim, as situações sobre as quais ela age nunca poderão ser concretizadas com uma autonomia em relação às atividades do sujeito.

A inteligência, portanto, existe diante do processo de ação do sujeito, ou seja: da interação entre sujeito e ambiente, através das ações mentais e físicas constituídas, que envolve todo um contexto de equilíbrio entre a assimilação e a acomodação.

Deve-se observar, portanto, que toda relevância às associações habituais e aos reflexos são processos sobre os quais a criança se baseia ao mesmo tempo em que os utiliza (PIAGET, 1986).

A inteligência não surge num momento específico do desenvolvimento mental, pelo contrário: ela apresenta uma continuidade com processos mentais adquiridos, ou até mesmo inatos.

2.2. Teoria Sociointeracionista de Vigotski

Vigotski (2007) defende sua teoria, sob a perspectiva de que a aquisição de conhecimentos acontece através da interação entre sujeito e meio. Desse modo, o desenvolvimento é constituído

através de um processo mediado por instrumentos técnicos e pela linguagem, que são construídos e consolidados numa cultura.

Ele considera que a aprendizagem se dá em dois níveis de desenvolvimento:

- Nível de desenvolvimento real: conjunto de atividades que a criança consegue resolver sozinha - esse nível é indicativo de ciclos de desenvolvimento já completos;
- Nível de desenvolvimento potencial: conjunto de atividades que a criança não consegue realizar sozinha - com a ajuda de alguém, que lhe dê as orientações adequadas, ela consegue resolver.

Para Vigotski, o nível de desenvolvimento potencial é muito mais indicativo do desenvolvimento da criança que o nível de desenvolvimento real. A distância entre o nível de desenvolvimento real e o nível de desenvolvimento potencial, caracteriza o que ele denominou de: Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP).

De acordo com Vigotski (2007), Zona de Desenvolvimento Proximal é a distância entre o *nível de desenvolvimento real*, determinado através da solução independente de problemas, e o *nível de desenvolvimento potencial*, determinado através da solução de problemas, sob a orientação ou colaboração de uma pessoa mais experiente.

Assim, Vigotski evidencia o conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal como um nível de desenvolvimento que supera o nível de desenvolvimento do real, ou seja: o nível que a criança já dispõe para atuar em seu contexto.

Ainda conforme Vigotski, o nível proximal inclui tudo aquilo que a criança tem possibilidade e, potencialmente, condições de fazer e aprender. Desta forma, tarefas e atividades que a criança consegue imitar ou fazer, com auxílio de alguém mais experiente que ela, estaria dentro do contexto da zona de desenvolvimento potencial.

Ele denominou as funções mentais superiores, enquanto processos essencialmente humanos, tais como: memória, atenção, imaginação, planejamento, elaboração de conceitos, desenvolvimentos da vontade, raciocínio. Essas funções remetem à importância da relação entre o desenvolvimento mental da criança, em consonância com aspectos particulares do seu aprendizado.

Afirma ainda, que o aprendizado da criança começa muito antes dela frequentar a escola: qualquer situação de aprendizado com a qual ela se depara na escola tem sempre uma história prévia. Isso ocorre, porque o seu processo de aprendizado e desenvolvimento obteve informações através da imitação dos adultos, de instruções recebidas de como agir, desenvolvendo assim, um repertório de habilidades (VIGOTSKI, 2007).

Capítulo 03

Desenvolvimento das Habilidades Socioemocionais



As habilidades socioemocionais pertencem a um conjunto de competências que o indivíduo tem para lidar com as próprias emoções. Essas competências são utilizadas, diariamente, em diversos níveis contextuais da vida, construindo todo um processo de congruência único de cada indivíduo, para aprender a conhecer, conviver, trabalhar e ser.

3.1. O que são habilidades socioemocionais?

As habilidades socioemocionais são cada vez mais valorizadas na sociedade moderna, sendo compreendidas como elementos estruturantes para o processo de desenvolvimento e formação do ser humano.

Ter propriedade para lidar com as próprias emoções, relacionar-se com os outros, gerenciando os objetivos de vida, como: autoconhecimento, colaboração e resolução de problemas,

tornaram-se instrumentos essenciais para o desenvolvimento dos jovens, o que acaba impactando, de uma forma direta, na formação pessoal de uma criança, em processo de desenvolvimento.

Trata-se de um conjunto de aptidões desenvolvidas a partir da Inteligência Emocional de cada pessoa. Elas apontam para dois tipos de comportamento: a sua relação com você mesmo (intrapessoal), bem como, a sua relação com outras pessoas (interpessoal).

As habilidades socioemocionais são aquelas qualidades interiores valorizadas por nós, no dia-a-dia, mas que por serem de ordem subjetiva, grande parte do tempo, acabam ficando num segundo plano, se comparadas aos nossos outros direcionamentos, vistos como mais relevantes. A ausência dessas habilidades costuma ficar nítida diante dos problemas, quando se percebe não estar apto para lidar, emocionalmente, com os desafios cotidianos de ordem prática.

É comum ter a sensação da falta de controle diante dos aspectos emocionais da nossa vida. Isso ocorre, porque grande parte das nossas habilidades socioemocionais não são estimuladas ou desenvolvidas de forma eficiente. Daí a importância de se conhecer um pouco mais sobre a inteligência emocional.

3.2. Inteligência Emocional

Apesar do termo “habilidades socioemocionais” ser relativamente novo, a expressão “inteligência emocional”, parte fundamental do conceito anterior, está presente na literatura desde o século

passado, podendo, desta forma, ser circunscrita de forma mais precisa.

Inteligência emocional é um conceito em Psicologia que descreve a capacidade de reconhecer e avaliar os seus próprios sentimentos e os dos outros, assim como, a capacidade de lidar com eles. A designação de inteligência emocional, mais antiga, remete a Charles Darwin, que em sua obra expôs a importância da expressão emocional para a sobrevivência e adaptação.

Embora as definições tradicionais de inteligência enfatizem os aspectos cognitivos, como memória e resolução de problemas, vários pesquisadores de renome, no campo da inteligência, são unâimes em reconhecer a importância dos aspectos socioemocionais para um desenvolvimento integral das pessoas.

Goleman (1999), especializado em temas sobre ciência do cérebro, defendeu que existe uma grande limitação na forma como enxergamos nossa maneira de pensar. Sua Teoria da Inteligência Emocional foi um divisor de águas para os estudos das emoções, em nível de aprendizagem, apontando para dois tipos de inteligência:

- A **Inteligência Cognitiva - Q.I** (Quoeficiente de Inteligência): representa nossos aspectos intelectuais e de raciocínio lógico;
- A **Inteligência Emocional - Q.E** (Quoeficiente Emocional): representa nossa capacidade de compreender e lidar com as emoções, tanto no nível pessoal, quanto no nível das relações. Goleman a divide numa estrutura de cinco pilares: Autoconhecimento Emocional; Controle Emocional;

Automotivação; Reconhecimento de Emoções em outras pessoas e Habilidade em relacionamentos interpessoais.

Goleman (1995) também defende que esses dois processos de inteligência são distintos, uma vez que não existe correlação entre QI e empatia emocional, já que são controlados por regiões cerebrais distintas.

Entretanto, apesar de atuarem em campos distintos, os dois modelos de inteligência sofrem interferências entre si. Uma pessoa com baixo nível de inteligência emocional, por exemplo, terá mais dificuldade em desenvolver-se, intelectualmente, de forma plena.

Outro exemplo seria o de uma pessoa que está tão apreensiva para realizar uma prova, que não consegue pensar com clareza e por isso, não tem um bom desempenho. Isso pode acontecer, mesmo que haja alto nível de conhecimento sobre o tema da avaliação.

Há ainda, quem considere a Inteligência Emocional mais importante do que a Cognitiva, já que envolve o indivíduo como um todo, podendo ser aplicada em qualquer esfera, tanto profissional quanto pessoal.

3.2.1. Os Pilares da Inteligência Emocional.

Considerando a Inteligência Emocional como um conjunto de habilidades socioemocionais, para Goleman (1995) elas podem ser agrupadas em três grandes pilares: Emocionais, Sociais e Éticos. Vamos compreendê-los melhor, a partir de uma leitura mais diretiva.

- **Pilares Emocionais**

Capacidade de lidar com as próprias emoções, a partir das situações com as quais somos expostos em nosso dia a dia. Representa habilidades como: aprender a ganhar e a perder, aprender com os erros, desenvolver autoconfiança, senso de autoavaliação e de responsabilidade.

- **Pilares Sociais**

Capacidade de relacionar-se com o mundo externo e com as pessoas nesse contexto. Podem ser representados através das habilidades de saber cooperar e colaborar, lidar com regras, comunicar-se bem, resolver conflitos e atuar em ambientes de competição saudáveis.

- **Pilares Éticos**

É o agir positivamente para o bem comum. Respeito, tolerância e aceitação das diferenças são qualidades importantes nessa área.

Essa divisão, um pouco mais detalhada por Goleman, nos orienta para a compreensão de que o conhecimento, da estrutura desses pilares, é fundamental para uma análise mais clara sobre quais aspectos precisam ser desenvolvidos, e de que forma eles exercem influência uns sobre os outros.

Grande parte do tempo, uma vertente poderá ser mais ressaltada do que outra. Alguém que tenha a habilidade de ser comunicativo, por exemplo, no que diz respeito às habilidades sociais, poderá expressar-se com coerência e clareza, envolvendo com facilidade as pessoas em suas ideias. No entanto, se essa mesma pessoa

não possuir habilidades éticas, sua comunicação poderá se tornar tendenciosa e manipuladora, a ponto, inclusive, de prejudicar outras pessoas.

Desta forma, percebe-se a importância em desenvolver essas áreas das habilidades socioemocionais, de forma simultânea e equilibrada. Isso porque, para além do autodesenvolvimento pessoal, elas também dizem respeito sobre o impacto que cada uma delas pode gerar, diretamente, no contexto de mundo em que cada um de nós vive.

3.3. Habilidades Socioemocionais para a Formação de Jovens Reflexivos

As definições de Darwin foram se transformando junto com as definições de mundo. O ser humano é o animal mais complexo que se encontra nesse planeta, então a inteligência emocional não pode estar conectada apenas às “respostas automáticas”, associadas exclusivamente à cognição.

Enquanto seres humanos, estamos sujeitos a momentos de impasses e incertezas, que não se solucionam a partir de respostas ou atitudes corretas. Em outras palavras: não trabalhamos apenas com o que é certo ou errado, ou o que é bom ou ruim para a preservação da espécie. Somos seres questionadores, que muitas vezes não aceitamos respostas sem justificativa e estamos sempre sujeitos ao “talvez” ou ao “não sei”.

As crianças vivem hoje, num momento, com a impressão de que inteligência é saber a resolução de todas as perguntas, ou que o

aluno mais inteligente é aquele que tira as melhores notas. A inteligência emocional chega para desconstruir essa ideia.

Pesquisas recentes, na área de Educação, Desenvolvimento Humano e das Neurociências, apontam que o Quociente Emocional (QE) é tão importante quanto o Quociente de Inteligência (QI), mas pouco se faz nas escolas para se desenvolver esse QE. Infelizmente, ainda estamos muito presos às provas e aos métodos de avaliações tradicionais, que exigem muito mais do QI do aluno, do que seu QE.

O mercado de trabalho, atualmente, tem valorizado muito as habilidades que estão para além da capacidade de dominar conhecimentos e técnicas de sua área de formação específica.

Identificar, gerenciar e solucionar situações relacionadas ás suas atividades diárias e ao trabalho, dentro do contexto da coletividade, são habilidades cada vez mais solicitadas entre os profissionais. Ter a inteligência emocional como parte integrante do seu processo de construção do conhecimento pode fazer toda a diferença.

Capítulo 04

A Família no Processo de Formação das Habilidades Socioemocionais das Crianças



Através do ambiente familiar, é que as crianças dão início ao desenvolvimento das suas habilidades socioemocionais. Isso demonstra o quanto é importante que elas sejam estimuladas, logo nos primeiros anos de vida, de modo a fortalecer seus aspectos cognitivos mais sofisticados.

É indiscutível a importância da família, enquanto *alicerce e primeira escola* na vida das suas crianças e adolescentes, diante dos seus processos de desenvolvimento e formação. Ela está sempre preocupada em criar uma rotina para seus filhos, por vezes tão agitadas quanto às de um adulto, de modo a prepará-los para um futuro quem tem como premissa: ser bem sucedido no mercado de trabalho.

Mas seria mesmo esse, o papel da família? Com certeza, não. Ela tem grande responsabilidade pela educação de suas crianças, justamente por ser referência, transmitindo valores e crenças. No decorrer desse processo, esses ensinamentos serão absorvidos como exemplos de atitudes e comportamentos dos adultos ao seu redor.

As famílias têm as melhores intenções para com seus filhos, mas, em certos momentos, não se dão conta de que não é preciso idealizar situações para conseguir educá-los. Este processo inclui a educação das emoções, a fim de atender a única necessidade realmente importante: formar futuros adultos conscientes, felizes e capazes de conquistar o próprio sucesso.

A família é o ambiente em que a criança conhece regras de convivência e se prepara emocionalmente para as adversidades do mundo exterior. Nesse longo processo de aprendizado, há todo um esforço em cuidar, amparar, acolher os filhos para que se sintam seguros, quando chegar a hora de participar como sujeitos ativos e produtivos, da vida adulta que os esperam.

Vejamos, portanto, por que a família exerce um papel tão importante na formação dos filhos, e quais são os principais aspectos que elas podem contribuir para o desenvolvimento das habilidades socioemocionais das suas crianças.

4.1. Habilidades Essenciais para a Vida

A família que participa ativamente do processo de aprendizagem dos seus filhos, desde a Educação Infantil, está colaborando para o crescimento e o desenvolvimento escolar dos mesmos, aspecto este, de fundamental importância num processo de formação.

A presença da família, nesse percurso, para o desenvolvimento das habilidades socioemocionais das crianças, pode ser vista a partir de alguns exemplos mais sofisticados da inteligência. Vejamos algumas dessas habilidades que podem ser desenvolvidas por elas, nessa fase do desenvolvimento:

- Pensar antes de agir;
- Colocar-se no lugar do outro - ter empatia;
- Ser capaz de superar perdas e frustrações;
- Interpretar e compreender comportamentos - os próprios e os dos outros;
- Desenvolver a autoconfiança, autocritica, postura empreendedora, dentre outras.

Percebemos através de todas essas habilidades e suas funções, o quanto a família é importante para o desenvolvimento das relações intrapessoais e interpessoais de seus filhos, de uma forma comprometida e saudável.

Mais importante ainda, é a relevância de agir dos familiares, sempre diante de uma perspectiva ética, baseada em princípios de honestidade, sem esperar, em contrapartida, resultados que lhes

agradem, mas sim, que atendam às necessidades e desejos dos seus filhos.

As famílias precisam investir na saúde emocional das suas crianças. Da mesma forma que existe a preocupação com o bem-estar físico, é preciso atentar para o bem-estar emocional, ou seja: na forma como lidam com seus aspectos emocionais, bem como, na forma que irão interagir com o mundo ao seu redor. É possível fazer parte desse processo juntos, a partir de ações simples, tais como:

- Manter sempre um ambiente de acolhimento, de modo que a criança se sinta segura para expressar seus sentimentos;
- Conversar de forma natural sobre sentimentos, emoções e não como algo distante da realidade delas;
- Vivenciar através das práticas cotidianas, condutas com princípios éticos, sempre fazendo uso do diálogo parceiro, sereno e tranquilo;
- Possibilitar e disponibilizar o acesso a ambientes que favoreçam o desenvolvimento da criatividade;
- Agir com integridade, uma vez que você é referência para seu filho;
- Estimular as práticas esportivas: elas são estruturantes para o corpo, para a mente, mas também para o processo de socialização.

Todos esses cuidados da família com seus filhos, inclusive, poderão contribuir para a prevenção de possíveis situações futuras, envolvendo: depressão, estresse, ansiedade, fobias, agressividade,

dentre outros possíveis transtornos emocionais, num período subsequente de suas vidas.

Diante do exposto, tem-se que as crianças irão crescer respeitando as diferentes perspectivas que lhes serão apresentadas, dialogando, interagindo e não impondo suas próprias ideias.

Elas serão capazes de lidar bem com os conflitos, de trabalhar em equipe e tantos outros aprendizados que lhes levarão para um patamar de serem líderes de si mesmas. A escola também precisa estar ao lado dos pais nesse processo: sobre isso que trataremos na sequência.

Capítulo 05

A Escola no Processo de Formação das Habilidades Socioemocionais das Crianças



Nos últimos anos, as Neurociências têm, através de estudos e pesquisas, apresentado estratégias para o desenvolvimento das habilidades socioemocionais, em ambiente escolar. É priorizado o uso da capacidade mental para se observar como essas habilidades estão acontecendo e não uma mera sobreposição de conceitos e informações.

Trata-se de colocar a escola como um espaço de construção e de mediação do conhecimento, com diferentes estratégias para atingir diferentes públicos, sempre na busca por um movimento positivo de como a informação é processada pelos alunos.

Existem ainda, análises indicando que os alunos submetidos a um programa de ensino, com base em habilidades socioemocionais, geralmente apresentam melhor desempenho nas avaliações dos

componentes curriculares, que lhes são disponibilizados, de acordo com a série escolar em que se encontram.

Tendo as habilidades socioemocionais, enquanto temática, um aspecto fundamental diz respeito à escola saber da importância em investir na formação e qualificação dos seus profissionais de educação, a saber: professores, coordenadores, supervisores, gestores, dentre outros.

Esses profissionais precisam estar aptos a construírem novas percepções de que transmitir conteúdos específicos é apenas parte do processo. Uma vez que eles são responsáveis pelo desenvolvimento integral das crianças, incluindo a mediação e orientação do processo de construção do conhecimento dito formal, esses educadores, também, são responsáveis pelo desenvolvimento das habilidades socioemocionais dos escolares.

Uma estratégia altamente positiva que a escola pode adotar é através de projetos que desenvolvam e incentivem a inteligência emocional. O importante é que as crianças aprendam também, através do uso da criatividade, da imaginação, das relações interpessoais, como lidar com os mais diversos sentimentos, inclusive com os próprios.

Percebe-se, portanto, a necessidade de se criar cada vez mais opções para uma melhor compreensão das partes, de modo a conseguir dar conta do todo, ou seja: entender as crianças em seus aspectos singulares, sempre buscando contextualizá-las para trabalhar suas diferenças em consonância com os desafios que irão sempre existir diante de si mesmas e de seus pares, no convívio social.

5.1. Habilidades Socioemocionais na Educação

Sabemos que a maior parte do sistema educacional foca nas habilidades cognitivas relacionadas apenas ao raciocínio intelectual. Desde cedo, as crianças são ensinadas a trabalhar conhecimentos específicos para tirarem boas notas em avaliações lógicas.

Diferente das métricas cognitivas que podem ser medidas pelo Q.I (Quoeficiente de Inteligência), as habilidades emocionais, que são medidas pelo Q.E (Quoeficiente Emocional), são mais difíceis de mensurar.

De acordo com Damásio (2005), isso acontece porque essas habilidades são amplas e atuam em campos subjetivos do cérebro, que vão além do conceito de certo e/ou errado, da forma que se costuma avaliar. Na verdade, é exatamente a capacidade de se adaptar e ser flexível ao contexto, que apontará o êxito do desenvolvimento desses aspectos de ordem emocional.

No entanto, é preciso ter ciência que a metodologia vigente não acompanha às necessidades individuais, bem como, as do mercado de trabalho na atualidade. Não é à toa, que escolas de todo o mundo estão se reformulando para se adequarem melhor a esse outro pilar da inteligência, que é tão ou mais importante quanto apenas o da ordem do conhecimento formal.

No Brasil, a nova Base Nacional Curricular Comum (BNCC), já apresenta quatro (das dez) Competências Gerais do documento, com base em uma educação socioemocional. São elas: Autoconhecimento e Autocuidado, Pensamento Crítico e Criativo, Empatia e Cooperação, Comunicação (BRASIL, 2017).

As Dez Competências Gerais da Base Nacional Comum Curricular acompanham o desenvolvimento dos alunos desde a Educação Infantil até o Ensino Médio.

É importante ressaltar que as Competências Gerais mantêm-se as mesmas, da Educação Infantil ao Ensino Médio: elas apenas se desdobram ao longo de cada uma das etapas da educação, para adequarem-se às especificidades de cada fase do processo de desenvolvimento dos escolares (BRASIL, 2017).

A educação infantil consiste, portanto, na área de maior potencial para dar início ao desenvolvimento das habilidades socioemocionais, justamente porque é nessa fase do desenvolvimento cognitivo que o ser humano está formando a base de seu conhecimento e visão de mundo. É nessa etapa que as habilidades serão estruturadas e levadas para a vida toda, influenciando, diretamente, para a qualidade e desempenho eficientes na fase adulta (PAPALIA, 2007).

Sabemos que, uma proporção significante da vida das crianças, acontece diante do contexto escolar. Logo, família e escola precisam estar em sintonia, de modo que os escolares cresçam de maneira saudável, tanto nos aspectos de ordem cognitiva quanto nos aspectos de ordem emocional.

O papel do educador é mediar conhecimento, bem como, fazer uso da sua experiência para intervir positivamente no processo de desenvolvimento da criança, ainda em formação. A construção do conhecimento na infância deve ocorrer sob um âmbito de interação e integração, através da troca de experiências e valorização dos conhecimentos prévios e de ordem prática dos alunos.

Capítulo 06

Considerações Finais



É natural que as famílias busquem proteger seus filhos, de situações que possam lhes causar qualquer tipo de risco. Mas vale ressaltar, que todas as crianças precisam passar por etapas de suas vidas, que correspondam a um processo que envolva: alegrias, perdas, frustrações, um mundo real. Recompensas não podem substituir atitudes de cunho emocional, muito menos, a presença da família na vida das crianças.

A família precisa estar presente e disponível, de modo a favorecer o desenvolvimento físico, intelectual e emocional de seus filhos. No entanto, faz-se necessário que se compreenda a necessidade das crianças vivenciarem seu processo de infância: brincando, correndo riscos, passando pelas frustrações, terem tempo para aprender com a vida, para se encantarem com ela.

O envolvimento da família no processo de desenvolvimento dos seus filhos é insubstituível: dedicar mais tempo a elas, tudo que

possa culminar na demonstração de amor e carinho, será sempre válido.

Importante pontuar, que pequenas intervenções podem gerar resultados incalculáveis. Entender a conexão entre família e escola só traz benefícios no processo de trabalhar as crianças de uma forma mais integrada. Ter acesso aos aspectos emocionais deve ser visto como forte recurso de trabalho contínuo, seja diante de conteúdos formais, seja diante dos próprios conteúdos de ordem emocional.

Cabe enfatizar, que o tempo e o espaço dedicados à criação e à formação das crianças, tanto pela família quanto pela escola, exigem atenção, cuidado, dedicação e conhecimento. Crescer num ambiente sadio e estimulante, com habilidades essenciais para a autonomia, felicidade e sucesso, proporcionará o desenvolvimento das crianças, de forma processual, natural e efetiva.

Escola e família têm funções relevantes e de grande responsabilidade, ao começarem a enxergar seus alunos e filhos como seres humanos completos e únicos, e não pessoas capazes de assimilar, apenas, conhecimentos específicos, diante de um propósito de formação continuada do conhecimento formal.

No entanto, isso apenas se tornará realidade, a partir do momento em que houver abertura de espaços para uma aprendizagem inovadora, capaz de expandir a experiência do ensino em níveis mais profundos e para além das práticas comuns às da sala de aula. Por isso, o quanto antes essa transformação ocorrer, maiores serão os ganhos para os nossos escolares, em constante processo de aprendizagem e desenvolvimento.

Importante observar, que o *meio* de execução deste trabalho pode mudar (família e escola), mas a *forma* de sua execução deve persistir na valorização da ordem de como se dá esse fluxo da informação. Sempre deverá existir uma sintonia das partes, de modo a facilitar a coordenação das atividades apreendidas no ambiente familiar para sua ampliação no ambiente escolar e vice-versa.

A busca pelo encontro e pelo equilíbrio, entre os aspectos cognitivos e as habilidades socioemocionais, é o início de um novo ciclo de orientação às nossas crianças. A informação pode ser una, muitas vezes, externada por um conceito objetivo e racional, mas a forma de expressá-la, essa sim, é uma habilidade socioemocional muito particular.

Habilidades socioemocionais não podem ser generalizadas, muito menos estigmatizadas, uma vez que a percepção de todo esse processo é configurada em conhecimento real, estruturante e aplicável à vida de cada uma de nossas crianças, seja no âmbito pessoal, seja o âmbito social de suas vidas.

Estamos vivendo uma corrida acelerada pela *chave do saber*, aquela que, teoricamente, abre todas às portas para um futuro de sucesso e de garantias.

Entretanto, essa *grande chave* só abre, de fato, uma porta: aquela que cada um de nós tem as próprias chaves. Essa chave é o conhecimento, a porta corresponde às nossas atitudes, às nossas escolhas.

O nosso processo é único, ninguém pode vivê-lo por nós, mas pode vivê-lo conosco, sempre de mãos dadas, aprendendo, desenvolvendo, crescendo diante da vida, diante do outro: diante de nós mesmos.

Referências

- BECKER, F. O caminho da aprendizagem em Jean Piaget e Paulo Freire: da Ação à Operação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC>
- COLL, C.; MARCHESI, A.; PALACIOS, J. Desenvolvimento Psicológico e Educação: Transtornos de Desenvolvimento e Necessidades Educativas Especiais. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- DAMÁSIO, A. O Erro de Descartes: Emoção, razão e cérebro humano. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- DE LA TAILLE, Y.; OLIVEIRA, M. K.; DANTAS, H. Teorias Psicogenéticas em Discussão. São Paulo: Summus Editorial, 1992.
- FERNANDEZ. A. A Inteligência Aprisionada. Porto Alegre. Artes Médicas, 1991. Wilkipedia.org. Inibição Cognitiva. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Inibi%C3%A7%C3%A3o_cognitiva
- FONSECA V. Desenvolvimento Psicomotor e Aprendizagem. Porto Alegre: Artmed, 2008.
- GAZZANIGA, M. S.; IVRY, R. B.; MANGUN, G. R. Neurociência Cognitiva: A Biologia da Mente. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- GOLEMAN, D. Inteligência Emocional. A teoria revolucionária que define o que é ser inteligente. Rio de Janeiro: Objetiva, Tradução revista em 2001, do original de 1995.
- GOLEMAN, D. Entrevista. 1999. Disponível em: <http://www.abrae.com.br>

- GRIZ. Maria das Graças S. Cognição e Afetividade. Psicopedagogia Online. 2004. Disponível em:
<http://www.psicopedagogia.com.br/artigos/artigo.asp?entrID=494>.
- PALMER, J. A. 50 Grandes educadores modernos: De Piaget a Paulo Freire. São Paulo: Contexto, 2010.
- PAPALIA, D. E.; OLDS, S. W. Desenvolvimento Humano. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- PIAGET, J. O nascimento da inteligência da criança. Editora Crítica: São Paulo, 1986.
- STERNBERG, R. J. Psicologia Cognitiva. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- VIGOTSKI, L. S. A Formação Social da Mente. São Paulo: Martins Fontes, 2007.